



Arquivo/ZH

Conflito dos caigangues em '83: os índios enterram os mortos. Na foto menor, o cacique Ivo Ribeiro, um dos articuladores do combate

Funai está envolvida no conflito dos caigangues

Por CARLOS WAGNER
Editoria Local/ZH

O funcionário da Fundação Nacional do Índio (Funai), Lídio Della Beta, e o cacique caigangue Ivo Ribeiro, da reserva indígena de São João do Irapuá, em Miraguá, articularam politicamente, planejaram a estratégia de combate e tiveram uma participação ostensiva no conflito que aconteceu em 2 de junho de 1983. A disputa envolve os guerreiros de Ivo e os do seu rival, cacique Domingos Ribeiro, da reserva da Guarita em Tenente Portela, da qual resultaram cinco mortos e dezenas de feridos. Esta é a conclusão a que chegou um volumoso inquérito de 700 páginas, feito pela Polícia Federal de Santo Ângelo, que está atualmente tramitando no Tribunal Federal de Recursos em Brasília. O TFR definirá a questão da competência para julgar este processo entre as justiças federal e estadual.

A briga entre estes dois caciques começou no início de 1983. Nesta época, Domingos tentou derrubar Ivo, que era cacique único das duas reservas. Não conseguindo, o delegado da Funai no Estado, na ocasião, Severino De Toni, e mais outros técnicos do órgão de Brasília, repartiram o comando dos caigangues entre os dois. Anteriormente Ivo havia derrubado Sebastião Alfaiata do cargo de chefe do tribo. As duas reservas somam 25 mil hectares, com uma quantidade apreciável de madeira de lei e terras férteis para o plantio mecanizado. Atualmente o arrendamento clandestino e a venda ilegal de árvores, em grandes volumes, feita pelos índios aos brancos, são problemas ali enfrentados. Estes dois fatores foram os que levaram os caciques à guerra em 1983 e a outras dezenas de pequenos conflitos.

Os mortos

O inquérito da Polícia Federal aponta cinco mortos: José Leopoldino, Ramão Bento, Sebastião Carvalho e Sérgio Bento. Eles foram abatidos no local do combate. Vicente Fongue morreu 24 horas depois no hospital em Santo Ângelo. Todos estes índios pertenciam à tribo de Ivo Ribeiro e foram mortos a porretadas e tiro de revólver. O trabalho dos federais tenta estabelecer quem matou quem. Por exemplo, cita que o ex-cacique Sebastião Alfaiata, que lutou do lado de Domingos, atirou pelas costas em Sérgio Bento. Alfaiata, na ocasião, não residia na Guarita, mas na reserva de Ligeiro, que fica na região de Passo Fundo, há 300 quilômetros dali. O que ele estaria fazendo lá não é esclarecido pelos policiais.

Outros pontos que também não ficaram claros: a origem das armas de fogo que participaram deste combate. Inclusive, na ocasião, foi noticiado pela imprensa que haviam mais de 50 revólveres e que estas armas teriam sido fornecidas para os índios pelos brancos,



Domingos Ribeiro: brigas com Ivo

Armando Tirlone, de Tenente Portela, e Argeu Meira, de Miraguá. Na realidade, só foram apreendidos pelos policiais 38 cartuchos carregados de calibre 38, um calibre 22, oito cápsulas que se encontravam no carregador da pistola Beretta de calibre 6.35 e três cartuchos de espingarda carregados, encontrados no local da briga". Portanto, nenhuma arma. Mas, pelo menos, o destino de um dos revólveres usado na luta foi determinado pelos federais: Lídio Della Beta adquiriu a arma do índio Natalício Bento, após o combate.

A planificação

No final do primeiro semestre de 1983, a tensão entre Ivo e Domingos era grande, devido, entre outros fatores, à não demarcação, pela Funai, dos limites das duas reservas. Segundo o inquérito, a gota d'água nesta briga aconteceu quando Domingos estava em Porto Alegre tratando de questões administrativas com os técnicos da Funai. Os responsáveis pela empresa "Stum" de Ijuí procuraram Ivo e lhe disseram que "estavam interessados em fazer uma exploração de madeiras, cujo contrato seria de Cr\$ 60 milhões (valor da época) e mais a construção de 80 casas para os índios. Os trabalhadores desta empresa chegaram a sobrevoar a área de avião, fazendo levantamentos. Quando houve a separação da tribo caigangue, calculada hoje em 2500 índios, Domingos ficou com a Guarita, que é a parte mais rica em madeira. Ivo ficou com o Irapuá, abundante em terras para a agricultura.

O fato de não ter a madeira para fornecer à empresa, aliado à ambição de voltar a ser o cacique único dos caigangues, levou Ivo a articular esta batalha juntamente com Lídio, que, na ocasião, era o coordenador da Funai no Irapuá. No dia 1º de junho, aconteceu na casa de Ivo uma reunião onde foram acertados todos os detalhes do ataque que

aconteceu no dia seguinte. Segundo o inquérito, Lídio Della Beta estava nesta reunião. Interrogado pela Polícia Federal, por não ter avisado seus superiores da intenção dos índios, o que poderia ter evitado o confronto, alegou que, durante o encontro, "eles falaram caigangue". Os federais levantaram que Lídio entende o idioma caigangue.

Neste encontro foram acertadas duas coisas. A primeira era a de que Ivo pediria a Domingos que retirasse a vigilância da sua reserva em sinal de agradecimento a ele por ter, no dia anterior, libertado do seu xadrez o índio Laurindo Emílio, seu simpatizante. Domingos chegou a pedir a seus guerreiros que afrouxassem a vigilância. Eles não o obedeceram, porque não confiavam em Ivo e isto, explica o inquérito, salvou sua vidas. O segundo ponto foi contratar o caminhão de Sebastião Carvalho, por Cr\$ 8 mil (preço da ocasião), que foi dirigido por Vismar Andara, para levar os guerreiros à Guarita.

O combate

Na manhã do dia 2 de junho de 1983, os líderes de Ivo arregimentaram 100 índios e partiram rumo à Guarita, distante dez quilômetros do Irapuá. Eles iam em uma camioneta, um caminhão e a pé. Ivo e Della Beta contavam, segundo o inquérito policial, com o elemento-surpresa para obter sucesso. Tiveram azar. Quando estavam próximos à reserva de Domingos, o índio Francisco Ribeiro, o Chiquinho, saiu para procurar uma benzedeira que curasse sua filha, doente. Foi ele quem avistou os guerreiros de Ivo vindo em direção à Guarita. Voltou e conseguiu armar uma resistência. O combate não durou mais de dez minutos e a reação dos guerreiros de Domingos acabou surpreendendo os de Ivo. Eles levaram a pior.

Tanto Ivo como Lídio alegaram ter sido surpreendidos pela ação dos índios. A Polícia Federal, através de depoimentos, coloca por terra esta alegação dos dois. Pelo inquérito, de maneira planejada, Ivo e Della Beta montaram uma farsa para que, na hora do combate, estivessem há quilômetros dali. Della Beta tinha ido a Coronel Bicaco, há 40 quilômetros do Irapuá, telefonar para Porto Alegre. Ivo estava "pela reserva". No entanto, o fato de ter acontecido uma reunião na noite anterior na casa de Ivo, e "outras evidências", mostram a participação dos dois no episódio.

Existem dezenas de pequenos detalhes espalhados pelas 700 páginas sobre este combate, que que poderão trazer surpresas desagradáveis aos envolvidos neste caso. Esses detalhes deverão começar a vir a público nesta semana com a entrada neste caso do Conselho Indigenista Missionário (Cimi) e da Associação Nacional de Apoio ao Índio (Anai), além das explicações que a Funai deverá dar a respeito deste conflito.

ZERO HORA - 03/07/86